

GLÓRIA
&
RUIÑA

SÉRIE GRAÇA E FÚRIA

vol. 1: *Graça e fúria*

vol. 2: *Glória e ruína*

TRACY BANGHART

& GLÓRIA
RUIÑA

Tradução

ISADORA PROSPERO

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2019 by Alloy Entertainment e Tracy Banghart
Publicado mediante acordo com Rights People, Londres.
Produzido por Alloy Entertainment, LLC.



O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Queen of Ruin

CAPA Claudia Espínola de Carvalho

ILUSTRAÇÃO DE CAPA E MAPA Carolina Pontes

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Érica Borges Correa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Banghart, Tracy
Glória e ruína / Tracy Banghart ; tradução Isadora
Prospero. — 1^a ed. — São Paulo : Seguinte, 2019.

Título original: Queen of Ruin.
ISBN 978-85-5534-088-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

19-26668 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Ioanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2019]

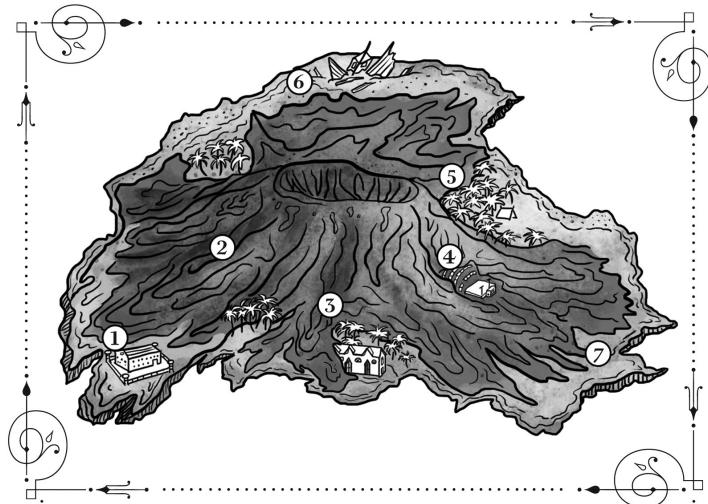
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.seguinte.com.br
contato@seguinte.com.br

/editoraseguinte
 @editoraseguinte
 Editora Seguinte
 editoraseguinteoficial

*Às mulheres da minha família,
que me ensinaram tantas maneiras de ser forte*

VIRIDIÁ



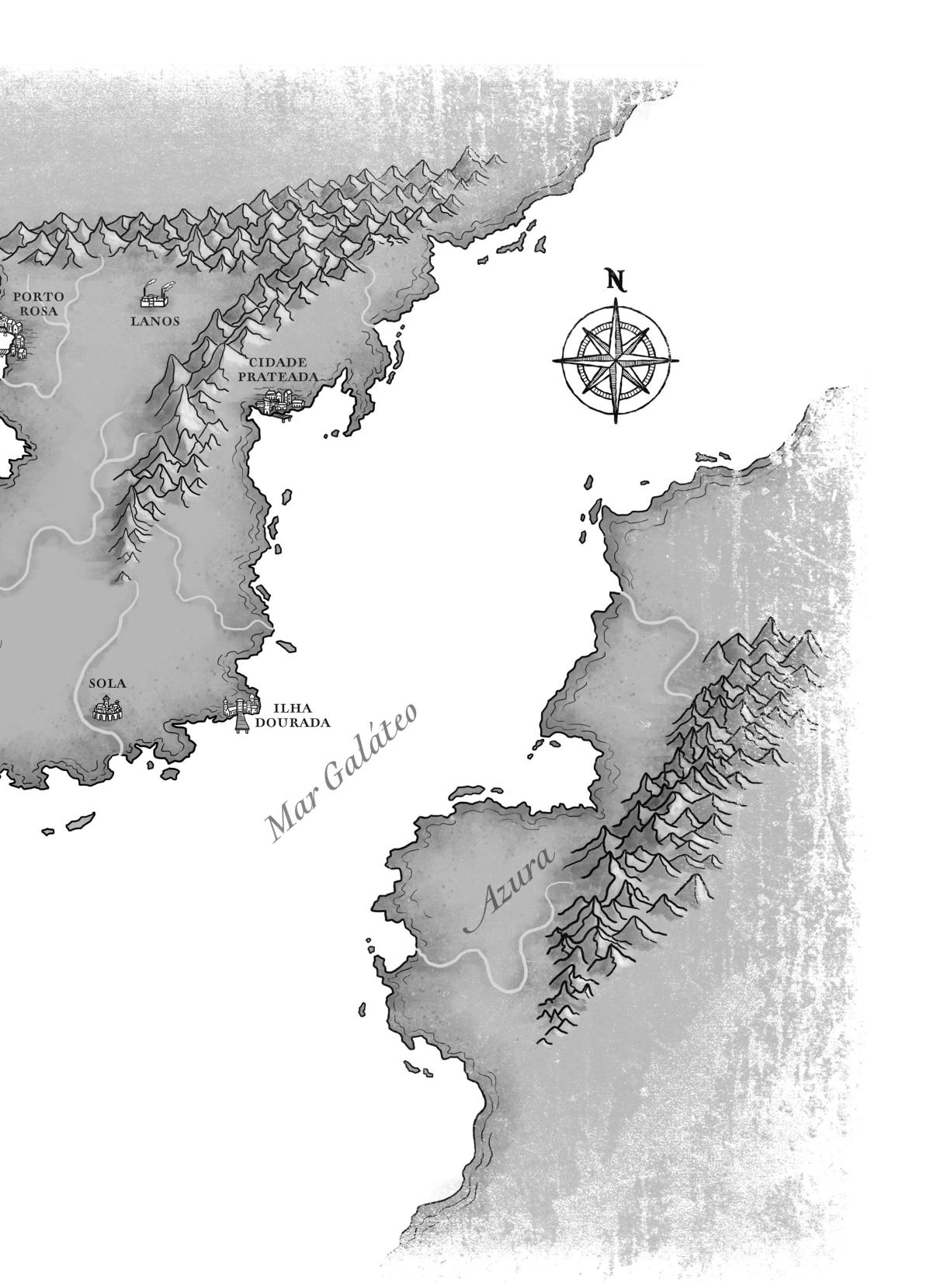
1. COMPLEXO DOS GUARDAS 2. BANDO DA CAVERNA
3. HOTEL TORMENTO 4. ANFITEATRO
5. BANDO DA FLORESTA 6. BANDO DA PRAIA
7. BANDO DOS PENHASOS DO SUL

MONTE RUÍNA

VILAREJO FLUTUANTE

BELLAQUA

Viridia



UM

Serina

SERINA TESSARO SENTIA A COSTELA QUEBRADA ARDER a cada puxada de ar. O corte não cicatrizado no braço queimava, o ferimento de bala no ombro doía e os hematomas dos socos do comandante Ricci gritavam. Na verdade, era difícil encontrar um pedaço de seu corpo *não* atormentado por dores intensas.

Mas as lembranças do corpo sem vida de Jacana, dos olhos cegos de Oráculo e das fileiras de mulheres corajosas que tinham morrido eram uma agonia maior.

Ela devia saber que, em Monte Ruína, sobrevivência significava dor.

Desde o momento em que chegara à ilha, condenada por ler — crime da irmã, não dela —, Serina não parou de sentir dor. A dor das algemas, dos soluços das outras prisioneiras, de ser despida e inspecionada pelo comandante Ricci. E a agonia das lutas em si, de ver mulheres matarem umas às outras por comida. De ver Petrel, sua amiga, morrer. Quando chegara sua hora de lutar, Serina descobrira que não conseguia. Preferira se render a matar Anika, do hotel Tormento. Também havia pagado por aquela decisão com dor: banimento, ataques e a vingança do comandante Ricci. Ele a capturara e tinha obrigado a subir no palco e escolher uma mulher para enfrentar.

Quando Serina se recusara a lutar contra uma mulher e desafiar o próprio Ricci a ser seu adversário, imaginava que morreria.

Não tinha esperado uma rebelião.

Mas Retalho e o bando do hotel Tormento tinham atacado os guardas; Oráculo e Âmbar haviam matado o comandante Ricci; e Serina, diferente de muitas outras, havia sobrevivido até a manhã seguinte.

Cada respiração dolorosa era um presente de Oráculo, Retalho e todas as mulheres que haviam escolhido lutar contra os guardas em vez de entre si. Enquanto esfregava o sangue delas do anfiteatro, Serina jurou a si mesma que não deixaria que aquelas mortes fossem em vão — e que não decepcionaria as sobreviventes.

A aurora dançava pela ilha como uma graça em um vestido dourado, iluminando cada folha e rocha vulcânica dura com filigranas de luz enquanto ela e as outras tentavam apagar a carnificina da noite anterior. Todos os corpos já tinham sido levados — as mulheres haviam sido entregues ao brilho vermelho do vulcão e os guardas às profundezas frias do mar. Logo, todos os rastros de sangue sumiriam também.

Engolindo um gemido, Serina levantou devagar. O sol aquecia seu rosto. Penhasco passou do seu lado carregando um balde de água ensanguentada. Sua testa larga e queimada de sol estava franzida, em uma reflexão — ou apenas cansaço. A mulher mais velha era encarregada das novatas do bando da caverna e tinha sido uma das primeiras que Serina conhecera na ilha, junto com Oráculo.

Serina perdeu o fôlego. Lembrava perfeitamente daquela noite e de como estava aterrorizada antes mesmo de ver uma luta e ficar sabendo que as mulheres deveriam se matar. Tinha se sentido sozinha e com saudades da irmã.

Aquilo não havia mudado. A separação de Nomi era uma dor mais aguda — e mais profunda — que as costelas quebradas e o ferimento de bala.

Penhasco levou o balde até a beira do anfiteatro de pedra ra-

chada, onde a grama amarelada e resistente de Monte Ruína balançava na brisa. Outra mulher, curvada e exausta do trabalho da noite, coletava os pedaços de tecido que elas tinham usado para lavar as pedras. Serina enxugou o suor da testa com as costas da mão.

Nomi.

Ela precisava de um plano. A irmã estava presa em Bellaqua como uma das três graças do herdeiro. Pouco tempo antes, Serina queria exatamente o que Nomi possuía agora — uma vida de luxo e beleza nos braços do homem mais poderoso de Viridia. Mas, para Nomi, aquela vida era uma prisão tão real quanto Monte Ruína, e Serina estava determinada a libertá-la.

Anika e Val apareceram no topo do anfiteatro empurrando um carrinho enferrujado cheio de sacos de juta — as rações que o comandante Ricci tinha escondido. Enquanto o levavam na direção de Serina, uma fila de mulheres se formou atrás delas, espalhando-se pela rocha vulcânica que cobria uma seção dos bancos de pedra. Outras vieram da base do teatro, onde estavam descansando contra a parede da torre de vigia. No total, ela estimava que cerca de cento e cinquenta mulheres tinham sobrevivido, talvez uma dúzia a mais ou menos. A maioria encarava os sacos de juta com um olhar faminto.

Val e Anika pararam no fundo do anfiteatro.

O cabelo desgrenhado de Val se curvava em todas as direções ao redor de seu rosto bronzeado. Sua mandíbula estava machucada e seu pescoço, sujo de terra. Serina sorriu para ele, emocionada. Tivera a chance de escapar e deixá-la para trás, mas havia ficado e ajudado. Ele notou sua expressão e relaxou, abrindo um sorriso.

— Como quer que a gente distribua as rações? — Anika perguntou. Longos raios do sol matinal douravam sua pele morena. Tinha um olho inchado e tufo de cabelo escapavam de suas tranças apertadas, mas ela demonstrava a mesma confiança e resistência de quando chegara à ilha.

Serina tinha ouvido um boato de que as mulheres do hotel Tormento haviam tentado apelidá-la de Sombra, mas Anika se recusava a reconhecer qualquer nome exceto o seu, alegando que era a única coisa que a mãe lhe dera que ninguém podia tirar dela.

Serina havia se rendido a Anika em vez de matá-la quando foram postas para lutar. Aquele fora o começo de tudo, tornando Serina um alvo. Se o comandante Ricci não a tivesse obrigado a lutar, talvez elas nunca tivessem se rebelado.

— Vai ser mais fácil dividir a comida de modo justo se estivermos todas no mesmo lugar — Serina disse. — Acho que cabemos no hotel Tormento, não? — Elas já tinham organizado uma enfermaria improvisada em um dos antigos salões de baile no térreo.

Serina ficaria contente se nunca mais tivesse que dormir no tubo de lava que seu bando chamava de lar. Oráculo não parecia se importar com os ventos sulfúricos da caldeira ou com a proximidade da parte ativa do vulcão, mas a rocha sempre parecera se fechar sobre Serina, e ela nunca conseguira esquecer que aquele espaço tinha sido aberto pela lava... a qual poderia se derramar sobre elas a qualquer momento.

Anika olhou de relance para as outras mulheres do seu bando. Nas horas que se seguiram à luta, na qual sua líder Retalho fora morta, Anika tinha assumido o comando, gritando ordens enquanto ajudava Val a levar os sete guardas sobreviventes ao complexo.

Ela se virou para Serina e assentiu.

— Temos espaço.

— Como podemos confiar no bando do hotel Tormento? — alguém perguntou. — Elas vão nos matar enquanto dormimos!

Serina encontrou a fonte da voz na multidão — uma mulher com pouco mais de vinte anos, cabelo platinado e o rosto tenso e corado.

— Qual é o seu nome? — Ela contraiu os músculos da perna para não cambalear. Estava prestes a cair de cansaço.

— Raposa — a mulher cuspiu. — Sou a líder do bando da floresta agora que Veneno morreu. — Ela deu um olhar furioso para Anika. — Graças a *ela*.

— Veneno matou muitas de nós — uma voz amarga retrucou. O coro foi crescendo, insistente e furioso como um ninho de vespas.

— Ei! — Serina gritou, erguendo as mãos para pedir silêncio. — O comandante nos forçou a lutar, lembram? Anika não matou Veneno porque quis. *Nenhuma* de nós matou por escolha. Não somos inimigas. Só vamos sobreviver se trabalharmos juntas, como ontem.

— Acha mesmo que vamos sobreviver? — Garra, uma mulher baixa e atarracada do bando da caverna, gargalhou. — Não temos comida e nenhum jeito de arranjar mais. Vamos todas morrer aqui.

Serina cruzou os braços, ignorando a dor aguda que irradiou do seu peito.

— Não vamos morrer. O próximo barco de prisioneiras chega daqui a uma semana, talvez duas, e vai trazer rações. Podemos subjugar os guardas e pegar a comida, então usar o barco para escapar...

Sua voz morreu. Aonde elas iriam? E como encontraria Nomi? Anika inclinou a cabeça.

— Os guardas não têm barcos? Por que não os pegamos? Podemos sair já desta rocha e voltar para nossa família.

— Foi minha família que me mandou pra cá! — alguém gritou. Val ergueu a voz sobre a algazarra crescente.

— Não há barcos. Esta ilha também é uma punição para os guardas, inclusive para o comandante Ricci. Todos decepcionamos o superior de alguma maneira. Éramos cruéis demais, ou cruéis de menos. Ele enviava os soldados fracassados pra cá. Não temos bar-

cos nem para uma evacuação de emergência. Nossa único contato com o mundo lá fora é por meio dos homens que chegam com as prisioneiras.

Val olhou para Serina com uma pergunta implícita.

Ela sabia o que ele queria. Val tinha um barco que mantivera em segredo por anos, no qual os dois haviam planejado escapar, rumando para Bellaqua para resgatar Nomi. A um sinal de Serina, ele ficaria calado. O barco continuaria sendo um segredo e a melhor chance que tinha de reencontrar a irmã.

No dia anterior, ela estivera pronta para partir, mas descobrira que não podia abandonar Jacana, que a ajudara a procurar um jeito de sair da ilha. Agora Jacana estava morta. Serina não conseguira salvá-la. Não havia nada que a prendesse ali e a impedisse de pegar o barco de Val e salvar a irmã.

Nada exceto as mulheres de Monte Ruína. As mortas, como Jacana e Oráculo, por quem ela jurara vingança, e as vivas, que prometera tentar salvar.

Serina não podia escapulir num barco e abandoná-las, nem por Nomi. Daria um jeito de tirar a irmã das garras do herdeiro e do olhar gélido e vigilante do superior — mas não daquele jeito.

— Existe *um* barco na ilha — ela disse, ainda olhando para Val. Ele acenou de leve, mas seu cenho se franziu de tristeza. — Mas é pequeno e só aguenta duas ou três pessoas. Mesmo assim, pode ser útil.

— E como você sabe disso? — Anika perguntou, estreitando os olhos.

— É meu — explicou Val. — Escondi onde nenhum guarda e nenhuma prisioneira pudesse encontrar. Vim para a ilha para resgatar minha mãe, mas... — A voz dele falhou. — Ela já tinha morrido quando cheguei.

Anika relaxou um pouco.

— Mas... não entendi direito — disse uma voz baixa. Pertencia a Theodora, chamada de Boneca por seu corpo alto e flexível e pelo rosto moreno perfeitamente oval. Ela tinha sido designada para o bando da caverna junto com Serina. — O que vamos fazer quando o barco da prisão chegar? Você falou em fugir. Para onde?

Serina abriu a boca, mas nada saiu. Ela não tinha uma resposta.

Val foi até o lado dela no palco, virou-se para encarar as mulheres no anfiteatro e pigarreou.

— Existe um país chamado Azura a leste de Viridia, do outro lado do mar Galáteo — ele disse. — Meu pai era mercador e o visitou uma vez. Ele me contou que em Azura as mulheres trabalham, têm posses e cuidam do próprio dinheiro. Podem até ler. Não é tão longe, mas nosso lado da fronteira é fechado, exceto para delegações convidadas pelo superior. Só que o lado *deles* da fronteira permite livre passagem.

Val tinha contado a Serina sobre aquela viagem, que havia inspirado o pai dele a ensinar a esposa a ler. Ela, por sua vez, passara a ensinar garotas que iam à casa deles em segredo. Aquele fora o motivo pelo qual o pai de Val tinha sido morto e a mãe, mandada para Monte Ruína. Explicava muito sobre o filho deles também.

— E você acha que devemos ir pra lá? — Raposa perguntou, afastando o cabelo platinado da testa fiazuda. — Por que eles iam nos receber?

Val deu de ombros.

— Não há como ter certeza. Mas parece mais seguro que ficar aqui ou voltar para Viridia.

E então posso partir, Serina pensou. Quando as mulheres estiverem a caminho de Azura e não precisarem mais de mim, vou pegar o barco de Val e salvar minha irmã.

Mas e se Nomi não quisesse ser salva? Serina mordeu o lábio. Era possível que ela tivesse se acostumado à vida no palazzo e ago-

ra achasse seu papel de graça menos repugnante do que esperava. Mas Serina duvidava. Nomi sempre falara que ser graça não fazia diferença alguma quando você não poderia escolher não ser uma.

E estava certa.

Por mais sofisticada que fosse a vida de Nomi, Serina ia lhe dar uma *escolha*. Era tudo o que a irmã sempre quisera, a chance de escolher seu próprio destino.

E, ainda que morresse tentando, Serina realizaria seu desejo.

— Então tomamos o barco da prisão — Serina disse, erguendo a voz acima dos murmúrios céticos das mulheres. — E vamos para Azura começar uma vida nova.

Os ombros de Anika caíram, mas Serina não entendeu sua deceção. Seu olhar foi até as mulheres que enchiam o anfiteatro, algumas sentadas em bancos de pedra, outras em pé sobre a onda de rocha vulcânica negra que cobria metade dos assentos.

Havia tantos rostos macilentes, tantos ferimentos e olhos afundados. Fome e medo a encaravam. Algumas daquelas mulheres estavam ali havia *anos* e tinham presenciado inúmeras lutas e visto inúmeras colegas morrerem.

— Vocês vêm lutando há muito tempo — Serina disse, com a voz falhando. — Fica difícil acreditar que acabou ou que as coisas podem melhorar. Mas é verdade. Pelos próximos dez dias, essa ilha é nossa. Conquistamos a liberdade, assim como nosso nome e nossa vida. Não importa o que aconteça quando chegarmos em Azura, isso vai se manter. Não somos mais prisioneiras.

As mulheres relaxaram um pouco. Serina vislumbrou sorrisos esperançosos em meio à exaustão. Até as líderes dos outros bando pareceram se animar. Os braços de aço de Graveto pendiam ao lado do corpo. No contingente dos penhascos do Sul, um sorriso fino cruzou o rosto cheio de cicatrizes da líder Chama. Mas Anika não era a única que ainda parecia incomodada.